



O dialogismo em Bakhtin: uma análise do movimento poético no *cyberspace*

Adriana Riess Karnal

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: adrikarnal@gmail.com

RESUMO. O conceito de dialogismo é fundamental para compreender como o círculo de Bakhtin entende a linguagem. Entretanto, o termo tem um significado diferente de diálogo utilizado como expressão dicionarizada. Assim, este artigo tem o objetivo de esclarecer o conceito de dialogismo para a teoria bakhtiniana com vistas ao movimento poético que ocorre na cibercultura. As aproximações com o fazer dos poetas que nasceram na internet estão grandemente entrelaçadas nos nós da rede mundial de computadores e suas possibilidades de interação e intersubjetividade. Nesse sentido, ao analisarmos como a poesia contemporânea se estabelece é que remetemos ao dialogismo que o círculo de Bakhtin há muito propõe como a fundamentação da linguagem.

Palavras-chave: teoria bakhtiniana, poesia, internet.

Dialogism in Bakhtin: an analysis of the poetic movement in cyberspace

ABSTRACT. The concept of dialogism is fundamental to comprehend how the Bakhtinian circle deals with language. However, the word differs from the term dialogue typically found in dictionaries. Current paper defines the concept of dialogism in Bakhtin, bearing in mind the poetic movement currently occurring in cyberspace. There is an approximation to the poetic works 'born' within the internet intertwined with the world wide web, coupled to possibilities based on interactivity and subjectivity. While analyzing the manner contemporary poetry establishes itself, discussions ensue on the type of dialogism that the Bakhtinian circle has long been proposing as language foregrounding.

Keywords: Bakhtinian theory, poetry, internet.

Introdução

Entender o conceito de 'dialogismo' no círculo de Bakhtin é vital, pois a partir dele é que outros conceitos, tais como 'responsividade' ou 'exotopia' se fundamentam. De fato, toda a obra bakhtiniana está permeada pelo 'dialogismo', e não é possível seguir com o estudo nessa área sem que se tenha compreendido qual seu *status* aqui.

Uma vez entendido que para o círculo o 'dialogismo' se insere em um espectro amplo, onde a ideologia e o contexto social não estão desvinculados da intersubjetividade, é que esse trabalho analisa a poesia contemporânea no *cyberspace*. Este espaço é inerentemente interativo e, por essa razão é que vemos as aproximações possíveis da criação literária com a teoria proposta.

O estudo está dividido em cinco seções. Na primeira seção, buscamos distinguir a noção do diálogo para o círculo das outras teorias ou olhares. Nesse sentido, há grande distanciamento entre 'diálogo' e 'dialogismo'. Na segunda seção, focamos exclusivamente no 'dialogismo' bakhtiniano. A partir

da terceira seção é que estreitamos o foco para o gênero poesia e como a teoria, de fato, se ocupou desse assunto. É na quarta seção que introduzimos a ideia de *cyberspace* contextualizada a partir dos estudos de Levy (1999). Finalmente, a quinta seção analisa o movimento poético contemporâneo que se desenvolveu no *cyberspace* sob o ponto de vista do 'dialogismo' já tratado anteriormente.

Diferentes olhares para o 'diálogo'

Central para o círculo de Bakhtin é o conceito de dialogismo. O círculo que se ocupou, de fato, como a criação ideológica utilizou a metáfora do diálogo para explicar como o universo da cultura está imbricado na 'responsividade' (BAKHTIN, 1993; FARACO, 2009). Tal expressão será tratada na seção a seguir. Antes de adentrar no significado de dialogismo adotado pelo círculo *per se*, cabe buscar brevemente na literatura tanto da linguística como da filosofia como o 'diálogo' esteve sempre presente nesses estudos.

O desenvolvimento da filosofia grega antiga está fundamentado no diálogo, é por isso que ele possui

inerentemente um caráter dialético. Por exemplo, Platão, em *Fedro*, dispõe de um locutor (Sócrates) que dialoga sobre a retórica com seu jovem interlocutor, que é o próprio Fedro (SIQUEIRA, 2011). Embora na filosofia não haja um consenso de quem seja o fundador da dialética, bem como esse conceito se estenda a várias correntes filosóficas tomando diferentes significados mais complexos, muitos consideram Sócrates como o difusor do método que pergunta, responde e refuta. Tal método, também denominado de socrático, nos dá as bases e, pelo menos, o princípio do que entendemos rotineiramente por 'diálogo'.

Na teoria de Bakhtin não é possível reduzir o dialogismo a um diálogo, e nem se pode romper com a relação tensa entre 'eu/tu'. O dialogismo é essa mistura, essa relação de muitas vozes se dando juntas. Assim, essa multiplicidade de vozes é que ele denomina de dialogismo. Nessa direção é que a próxima seção sustenta o conceito de 'dialogismo' para o círculo, partindo-se da premissa que ele é diferente do 'diálogo'.

O conceito de dialogismo em Bakhtin

Conforme visto na seção anterior, o diálogo é motivo de estudo desde a filosofia antiga, sob o ponto de vista da dialética ou da retórica. Dessa forma, observa-se que o diálogo não é senso comum entre as teorias, e para o círculo de Bakhtin ele também toma outra dimensão conceitual.

Toda a obra do círculo é marcada pelo 'dialogismo'. Já no prefácio da primeira publicação *Para uma filosofia do ato* (1993), Michael Holquist (apud BAKHTIN, 1993) afirma que Bakhtin é o fundador do 'dialogismo'. Embora o cerne deste livro proponha uma espécie de filosofia da moral (o ato, a ação do ser no mundo é responsiva, isto é, exige reponsabilidade nas respostas das ações do sujeito histórico), há muitas implicações para a proporção que o diálogo tomou na teoria. Em relação à 'responsividade', Bakhtin a descreve da seguinte forma;

Cada pensamento meu, junto com o seu conteúdo é um ato ou ação que realizo- meu próprio ato ou ação individualmente responsável [...] como um ato executado, um dado pensamento forma um todo integral [...] a consciência de um ser humano determinado [...] toda a historicidade concreta de sua realização. (BAKHTIN, 1993, p. 21)

Nesse sentido, vê-se implicitamente na citação acima a noção de subjetividade, isto é, a relação 'eu-tu'. O ato responsivo decorre do ato que 'eu' realizo como indivíduo, mas ao mesmo tempo é responsável no que tange ao exterior, um 'outro' que

é, como o autor diz, a própria historicidade concreta. Há nesse pensamento um 'eu', que para Bakhtin (1993) é único e irrepitível, e que responde ao 'outro'. Este é um jogo de vozes interessante na medida em que 'eu' se refere ao 'ser', e o 'outro', sob o ponto de vista marxista é, inclusive, a 'superestrutura'.

Se para o círculo a relação de subjetividade é importante, e é nela que está o *core* do dialogismo, na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, a primeira a ser publicada no Brasil, a noção de dialogismo é delimitada explicitamente. Aqui a subjetividade reflete um tensionamento. Isso se dá porque, assim como 'eu' e 'tu' são sujeitos distintos, eles se entrecruzam. Bakhtin (1993, p. 65), na descrição a seguir, deixa muito claro o espaço de 'eu' "[...] do meu lugar único apenas eu para mim constitui um eu, enquanto todos os outros são outros para mim [...] eu o amo como a um outro, não como a mim mesmo". No entanto, há igualmente, o espaço do 'tu', que é na linguagem o interlocutor contextualizado socialmente. Bakhtin e Volochinov (2006, p. 106) explicam quem é o 'tu'

[...] A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido etc).

Como dissemos antes, o jogo de vozes da teoria é complexo, isso porque Bakhtin não excluiu o 'nós'. Parece-nos, no entanto, que o 'nós' está imbricado no 'tu', conforme o autor explica:

Na relação com um ouvinte potencial (e algumas vezes distintamente percebido), podem-se distinguir dois polos, dois limites, dentro dos quais se realiza a tomada de consciência e a elaboração ideológica. A atividade mental oscila de um a outro. Por convenção, chamemos esses dois polos atividade mental do eu e atividade mental do nós [...] A atividade mental do nós permite diferentes graus e diferentes tipos de modelagem ideológica (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 109).

A modelagem ideológica parece se cumprir no que Bakhtin denominou de 'auditório social'. Entendemos assim porque o polo de atividade mental do 'nós', do qual ele fala acima, é ideológico, só poderá acontecer na interação social de dois indivíduos socialmente organizados (BAKHTIN, 2006) Além disso, para ele, a enunciação não é senão o reflexo dessa interação. Mais tarde, o autor dirá que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da 'interação verbal', realizada através da 'enunciação'.

Se por um lado o significado do dialogismo para os autores bakhtinianos é ‘mister’, por outro lado, a palavra ‘diálogo’ só emerge na obra original de 1929. Assim, é primeiramente definida:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 117)

É o ‘sentido amplo’ de diálogo que o círculo utiliza como conceito-chave. O adjetivo ‘amplo’ expressa seu espectro semântico. Ora, na teoria o dialogismo se amálgama com a própria enunciação, com a subjetividade e a alteridade. Além disso, Sobral (apud BRAIT, 2005), afirma que o dialogismo incide principalmente sobre a noção de sujeito, mas se recusa a crer nas concepções psicologizadas ou transcendentais. Claro que tais concepções eram uma crítica à psicanálise, vistas no livro *Freudismo*. Logicamente, para Freud, o ‘eu’ é psicologizado, mas trata-se da noção de ‘ego’.

Nessa perspectiva, uma definição para o dialogismo, tal como ‘a referenciação que um texto sempre faz do outro’ é bastante simplificada, já que ‘um, texto’ e ‘outro’ constituem sujeitos contextualizados no espaço/tempo, que lançam mão de signos ideológicos para comunicarem-se. Entre esses três itens há um universo de complexidades em nada simplórias.

O gênero poesia e o dialogismo

A questão dos gêneros do discurso foi uma discussão importante para o círculo de Bakhtin. Em *Estética da criação verbal* (1992), o autor explica que os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados. Vale esclarecer o conceito nas palavras do próprio autor:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1992, p. 79)

Nessa obra, Bakhtin afirma que os gêneros literários sempre foram os mais estudados, critica, entretanto, que este estudo tenha sido analisado pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, e não enquanto um tipo particular de enunciado. Quanto à poesia, na classificação dada por ele aqui, ela é

considerada como gênero secundário. Vale lembrar como o próprio autor classificou os gêneros:

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (BAKHTIN, 1992, p. 279).

O problema da classificação descrita acima se dá em razão do limite entre o que é espontâneo e complexo. Por exemplo, a poesia está categorizada como gênero secundário, porque ela é produto da criação cultural, uma evolução surgida pela escrita. Vale dizer, porém, que Bakhtin previa uma alternância dos dois gêneros do discurso, isto é, não há um gênero puro necessariamente. Faraco (2009) faz uma crítica aos leitores da obra que fizeram uma apropriação pedagógica de sua classificação, pois, segundo ele, tais leitores fizeram uma leitura formal e não dinâmica.

Medvedev (2012), em *O método formal nos estudos literários*, dedica especial atenção quanto à diferença entre o discurso cotidiano e o literário. Nessa obra, o autor argumenta que a poética deve partir do gênero (MEDVEDEV, 2012) ou seja, a obra no seu todo. Nessa direção é que Medvedev empenha-se em desconstruir o formalismo que liderava os estudos da época. O método formal europeu ocidental, e em parte também o russo, foram marcados pelo que foi denominado de ‘vontade artística’. Não se distinguia mais a técnica e a criação, como diz o autor, “[...] tudo deve ter um significado construtivo [...]” (MEDVEDEV, 2012, p. 89), bem como não se separava mais forma e conteúdo. Segundo Medvedev, nessa obra, a grande diferença do formalismo russo foi crer que o significado construtivo de um elemento implicaria na sua perda ideológica. Brait, no prefácio da obra lançada em 2012, diz que o objetivo principal de Medvedev foi demonstrar como o formalismo propunha uma análise pura dos elementos formais da língua, muito contrária à que o círculo propôs, a saber, a totalidade do enunciado.

Ao voltarmos à palavra ‘enunciado’, vemos como ela é a própria enunciação, conseqüentemente, retornamos ao conceito de ‘dialogismo’, pois um não existe sem o outro. Já na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981), Bakhtin comparava as relações dialógicas com relações de sentido. Para ele, não é possível haver ‘dialogismo’ na linguagem enquanto objeto puro da língua. Deparamo-nos aqui, também, com a crítica ao formalismo russo.

O foco da crítica ao formalismo russo na obra de Medvedev (2012) é, justamente, o caráter dialógico e ideológico que faltou aos formalistas ao analisarem o discurso poético. Por exemplo, na frase que o autor cita “[...] não tomamos nossas palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros [...]” (MEDVEDEV, 2012, p. 34), a expressão deixa clara a relação de alteridade da linguagem. Também em *Marxismo e Linguagem* já se apontava que a vida da obra é ideológica. A crítica ao formalismo resume-se nesse pensamento em *A estética da criação verbal* “[...] essas pesquisas estiveram completamente divorciadas, de um lado, do problema da linguagem, e do outro, do problema da comunicação social” (MEDVEDEV, 2012, p. 11).

Não menos dialógica e ideológica é a questão da autoria literária para o círculo. Primeiramente, os autores assumem o ‘duplo’ como característica inerente do autor. Ao longo da obra destacam-se dizeres, tais como “[...] autorar é assumir uma máscara ou autorar é assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais” (MEDVEDEV, 2012 p. 33). Nesse sentido, fica evidente que na relação ‘eu/outro’, enquanto autor, há um distanciamento. Um exemplo disso na poesia é Fernando Pessoa e seus ‘duplos’. Na obra lançada no Brasil em 1992, ao falar sobre a autoria (bem como o ‘herói’), Bakhtin (1992, p. 211) afirma “[...] Pode-se viver no ser estético, mas eu não me encontro nessa vida, eu vou encontrar apenas um duplo de mim mesmo, apenas alguém pretendendo ser eu”. Nossa interpretação é de que esse distanciamento entre ‘autor pessoa’ e ‘autor criador’ é inerente a criação literária, essa característica, de fato, o círculo denomina ‘deslocamento’.

Em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin (1993, p. 88) analisa o poema de Pushkin de 1930:

Com destinos às praias de sua pátria distante
 Você estava partindo desta terra estrangeira
 Naquela hora inesquecível, naquela triste hora,
 Eu chorei diante de você por um longo tempo
 Minhas mãos mais e mais frias
 Lutavam por trazê-la de volta
 Meus lamentos imploravam pra que você não
 interrompesse

A angústia da terrível despedida.
 Mas você arrancou os seus lábios
 Do nosso beijo amargo
 De uma terra de sombrio exílio
 Você me chamava para uma outra terra
 Você disse: ‘no dia do nosso encontro
 Sob um céu eternamente azul
 Nas sombras de oliveira
 Nós mais uma vez meu amado, uniremos nossos
 beijos de amor.

No poema há elementos dialógicos evidentes, haja vista os diferentes contextos de valor dos ‘heróis’ do poema. O autor explica da seguinte maneira: “[...] para ela, a Itália (conteúdo-sentido) é uma terra natal, para ele uma terra estrangeira [...] o mundo daqueles que são outros para mim” (BAKHTIN, 1993, p. 92). A primeira estrofe é a voz do herói, a exotopia¹ aqui se faz presente, já que ele sente suas mãos frias e é só no distanciamento do ‘outro’ que percebe a si mesmo fisicamente. Para ela, há no ‘outro’ a possibilidade da vida, na expectativa do reencontro o céu será azul, e haverá sol (uma vez que há sombra das oliveiras).

Não nos parece possível, em qualquer obra estética, desvincular os sujeitos. Entre ‘eu’ autor há o ‘tu’ que ora pode ser seu duplo, o eu/criador, ora pode ser qualquer ‘outro’. Entretanto, este ‘outro’ é aquele que me faz ver o emaranhado de sujeitos sociais, tanto a partir de mim mesmo, o que sou ou não, como no exterior, o devir de um mundo real.

O cyberspace

O *cyberspace* pode ser considerado uma expressão da contemporaneidade. O termo ‘expressão’ está sendo utilizado aqui tanto no sentido *lato*, ao refletir a ideia de uma época, como em sentido *stricto*, ou seja, semanticamente, ele é uma referência ao objeto. Isso porque o *cyberspace* só se tornou possível quando a sociedade contemporânea foi marcada pela criação das novas tecnologias da computação, em particular, pelo surgimento da internet como meio de comunicação em rede. Levy (1999, p. 36) descreve o conceito a seguir:

O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. Atualmente, temos cada vez mais conservados, sob forma numérica e registrados na memória do computador, textos, imagens e músicas produzidos por computador. Então, a esfera da comunicação e da informação está se transformando numa esfera informatizada. O interesse é pensar qual o significado cultural disso. Com o espaço cibernético temos uma

¹ Exotopia significa o desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior. Este lugar permite que se veja do sujeito algo que o sujeito nunca pode ver. (AMORIN, 2003, p. 14).

ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata.

Nesse sentido, o *cyberspace* emerge como local democrático da expressão do homem contemporâneo, ora, na internet as interações se dão em níveis globais, nas quais as pessoas trocam experiências, informações, criam artisticamente, bem como discutem e se posicionam politicamente. Este trabalho olha especificamente para a criação artística focalizando o gênero poesia como uma potência literária desse espaço. Levy (1999) também afirma que hoje estamos na era de microcomputadores conectados em rede, assim, a informática é utilizada para a cooperação em tempo real. Desse ponto de vista ao inventarmos novos usos para essas redes elas ganham uma significação social e subjetiva diferente.

Entendemos, conforme diz Levy acima, que a fase na qual vivemos ganhou uma significação social diferente pela própria característica ideológica da internet, isto é, uma rede interconectada. Ao falar sobre a ideologia, cabe a explicação de Bakhtin:

Para começar, as bases de uma teoria marxista da criação Ideológica – as dos estudos sobre o conhecimento científico, a literatura, a religião, a moral, etc. – estão estreitamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem. Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio; não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia (BAKHTIN, 2006, p. 29).

Neste conceito de ideologia, considera-se uma produção intelectual uma realidade fora de si mesma, por isso mesmo é que a internet, enquanto tecnologia intelectual, é social e coletiva. Ramal (2000, p. 2) descreve do seguinte modo:

[...] as tecnologias intelectuais do nosso momento histórico relativizam a importância da memória, ao menos enquanto capacidade confinada ao cérebro humano. Não é preciso armazenar saberes: suportes digitais externos podem fazer isso para nós.

Ao discutir sobre como estamos lidando com o conhecimento, a autora diz que esse novo modelo de

ecologia cognitiva² desenha novas formas de ensinar e aprender, e principalmente de pensar.

Se a literatura para o círculo é, assim, um produto ideológico (em Bakhtin todo signo é ideológico), para os filósofos da contemporaneidade como Levy, ela também o é, se considerarmos o modo como a criação poética tem se desenvolvido no ambiente virtual. O que se vê ali é uma poética criadora de intersubjetividades porque a poesia parece vir sempre no diálogo entre poetas, mesmo quando se está só. Os poetas que nasceram no *cyberspace* não fazem uso puramente racional do ambiente, isto é, não há um controle, nem interesses de um mercado financeiro, daí seu caráter democrático. O que vemos nas revistas literárias on-line, nos sites de poesia, *blogs* e outros tipos de comunidades virtuais (*facebook*, *twitter*...) é uma poesia que dialoga com os autores, construída na coletividade, só permitida porque a própria tecnologia interativa permitiu.

Para Castells (1999), em todos os campos das atividades sociais, a tecnologia da informação pode ser considerada ponto central para a análise da complexidade da nova economia, sociedade e cultura da informação. Essa cultura não é senão reflexo ideológico do contexto social contemporâneo, onde os 'nós' da rede se encontram para produzirem cultura. Nesse aspecto é que vemos aproximações entre a teoria bakhtiniana fundamentada principalmente na ideologia e 'dialogismo' como a própria manifestação da cultura.

O movimento poético no *cyberspace*

Este trabalho não tem o objetivo de discutir a poesia à luz das teorias literárias tradicionalmente usadas para analisar tal objeto. A ideia é olhar para o fazer poético que se está construindo no *cyberspace* como um espaço interativo, que no nosso ponto de vista tem grandes relações com a teoria bakhtiniana, em especial a noção de 'dialogismo'.

Há no Brasil, hoje, uma produção intensa de poesia e poetas novos que surgiram muito em razão da internet. Se por um lado há baixa produção e consumo desse gênero no mercado editorial impresso, por outro lado há milhares de *blogs*, muitos *sites* e revistas on-line. Assim, o *cyberspace* se tornou um local privilegiado para um gênero que até agora tem sido considerado sempre a margem do grande público. É importante traçar um histórico da publicação poética na internet para observar como há um crescimento desse fazer literário.

² Ecologia cognitiva: conceito desenvolvido por Pierre Levy (1999) descreve como pensamos coletivamente. Diz ele: pensamos sempre em diálogo, portanto, pensar só é possível na interação, não apenas de indivíduo para indivíduo, mas no interior das instituições. Tal aporte teórico nos parece próximo ao dialogismo de Bakhtin.

No ano de 2000, surge a ferramenta de escrita *weblog*, uma espécie de diário na *web* que, de fato, serviu no universo jornalístico para a divulgação da informação que à mídia tradicional não interessava. No ano de 2004, é lançado o portal *Cronópios* dedicado à produção literária brasileira e feito por jovens escritores. Esse portal cede espaço não só a poetas e escritores consagrados que por ali transitam, como também aos autores que publicam apenas na *web*, tanto em *blogs* individuais como em coletivos.

Em 2005, o site *Escritoras Suicidas* é lançado, uma publicação eletrônica bimestral composta de 38 poetas regulares e demais poetas convidadas. Quase todas estas poetisas (nem todas são mulheres, pois usam pseudônimos) também mantêm seus *blogs* pessoais. A maioria das autoras eram (e ainda são) desconhecidas do grande público, porém, o impacto da *web* parece ter sido essencial para elas. Deste *site*, por exemplo, emergiu a escritora Andrea Del Fuego, vencedora do prêmio José Saramago em 2011, e a escritora Carola Saavedra, finalista do prêmio Jabuti, vencedora do prêmio APCA (2008) e do prêmio Raquel de Queiroz (2010).

Anterior aos sites (revistas eletrônicas) descritos acima, a revista *Germina literatura* parece ter sido a pioneira em publicar os novos poetas. Há 16 anos on-line, este site é composto de 650 autores, quase todos escreveram ou ainda escrevem em *blogs* pessoais. Na listagem de escritores que ali se encontram há nomes hoje conhecidos, tais como Ricardo Aleixo (Prêmio Jabuti, 2012) Adriana Lisboa (ex-*Escritora Suicida*, com várias premiações, incluindo o Prêmio Saramago, 2010), Valéria Tarelho, que mantém seu *blog* desde 2003 e é coautora de vários *blogs* coletivos (*Poema dia*, onde participam mais de 50 poetas, *O Gato da Odete*, *Mínimo Ajuste*, bem como as *Escritoras Suicidas*).

Muitos escritores acabam por participar de vários *blogs*, justamente porque a interação é constitutiva do gênero poético no *cyberspace*. O que sucede é uma rede de encontros não linear que se torna possível pelas conexões dos *hyperlinks* de outros poetas, e da caixa de comentários interativa. A própria ideia do *hyperlink*, que é, de fato, um hipertexto, refere-se à noção de intertextualidade, pois na metáfora do *Windows* (janela) é como descortinar um novo pensamento. Exemplo disso é o *blog* coletivo *Maria Clara Simplesmente Poesia*, que nasceu da leitura labiríntica do hipertexto, onde um autor, a partir de seu *blog* individual, interage com outro, e a partir daí os vínculos vão sendo formados. Além disso, a noção de autoria é desmistificada, já que na caixa de comentários dos leitores, o escritor é capaz de interagir.

O *blog* *Maria Clara* serviu de fonte de estudos pela pesquisadora Hercília Fernandes (FERNANDES,

2011) ao mostrar como as 12 *Marias* que são as autoras do *blog* refletem a poética feminina da contemporaneidade. Aqui, vemos mais uma vez a ideologia combinada ao 'dialogismo', pois se em algum momento histórico a voz feminina foi silenciada por valores da tradição falocêntrica, no *blog* *Maria Universos Femininos* as poetas libertam essa voz. É fácil ver nas *Marias* como a criação poética é um ato individual, cada uma é uma, possui seu *blog-eu*, contudo, elas pertencem a uma realidade sociosemiótica que lhes permite dialogarem com o 'outro' enquanto sujeito ou objeto sociocultural.

Medvedev já havia afirmado que a poética é transgressora, a escolha do nome *Maria*, no *blog* acima citado, é em si uma transgressão. Ora, culturalmente, *Maria* é signo do catolicismo, tem significante e significado de uma ideologia cristã que coloca na virgindade (a virgem *Maria*) e na santidade (Santa *Maria*) valores morais a serem atingidos. Contrariamente, as autoras do *blog* não temem ao poetizar sobre suas vivências e comportamentos que transgridem ao cristianismo. Os poemas abaixo, publicados em 2011 no *blog*, refletem tal pensamento.

Meio loucas, meio santas

Rimam alternância

Lua

Sol

Meio putas, meio mantras

Freud em si

Menor

Bemol... (VILLELA, 2010, p. 87).

A poeta Lu Vilela define como tema a dualidade da mulher contemporânea. Algumas vezes ela é louca, em outras é santa. Essa mesma mulher aparentemente não sabe se é puta, ou se recita mantras como um sábio. Há um descompasso entre uma e outra. Entretanto, para Lu, ela é isso mesmo, lua e sol. Essa é uma metáfora poética para a relação de intersubjetividade 'eu/tu' no mesmo ser. Eis aqui uma característica do dialogismo, ou seja, a multiplicidade de vozes, seja como lua, seja como sol, nessas mulheres múltiplas.

fervilham em mim

lembranças tuas

: olhos alma boca voz

pernas cheiro peito

falo: meu desejo

ainda é tão grande

quanto a saudade que

a tua falta me faz (PRATES, 2010, p. 67).

A poeta Talita Prates não teme o uso explícito de palavras semanticamente sensualizadas, tais como 'falo' ou 'desejo'. Não é coincidência que o assunto

do poema combine o desejo com a falta, pois é na intersubjetividade, isto é, no 'outro', ou na falta dele, que o 'eu' fervilha. Este 'eu' e 'outro' não são objetos puros da língua, conforme se descreve na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (Bakhtin, 1981). Este é o 'eu' ideológico de um sujeito que pode no *cyberspace* expressar seu desejo em público.

queria ser o que não fui
mas sou o passado
com o corpo podre e gasto (GODOY, 2010, p. 12).

Este verso do poema de Adriana Godoy fala de um tema constante do cotidiano da mulher moderna, o envelhecimento. Parece haver um remorso ou amargura de não ter tido a vivência desejada, já que as palavras 'podre e gasto' sugerem certa agressividade no poema. De fato, pode-se considerar a poeta refletindo-se num espelho subjetivo, o 'eu' que outrora não foi, e justamente por isso poderia ser o 'tu', e o 'eu' atual decrépito. Nesse jogo do tempo, ela é as duas, e no jogo ideológico da contemporaneidade não é bom ser nenhuma. Está em jogo aqui a questão do duplo de Bakhtin, ora, autorar é assumir uma máscara. É o que se denominou de 'deslocamento' na teoria. Nesse caso, a máscara da autora é de uma pessoa velha, quando de fato, Adriana Godoy não é.

Há um fio condutor de pensamentos nos três poemas descritos. Eles nada mais fazem do que refletir a ideologia do gênero feminino atual, seja na dualidade de ser boa ou má, na mulher que fala de seus desejos e insatisfações sem pudores, ou naquela que teme o envelhecimento quase como um sinônimo de morte. Assim, a língua é só um recurso para efetivamente dar voz ao espaço social conquistado, agora no *cyberspace*. Essa voz é individual, expressa na queixa específica de cada autora. Igualmente, carrega o peso ideológico das mulheres enquanto queixa do gênero, elas, que ocupam na poesia atual o 'cogito' que lhes foi restringido na história da humanidade.

Considerações finais

A ideia inicial do estudo foi analisar o conceito de 'dialogismo' concebido pela teoria bakhtiniana e como ele se reflete na contemporaneidade. O advento da internet e sua possibilidade de interação entre os sujeitos, ainda que virtualmente distantes, tiveram um impacto direto na produção literária atual. Isso leva a crer exatamente o que o círculo da Bakhtin já havia previsto em seus estudos, isto é, a linguagem existe na 'enunciação', na 'subjetividade', na 'ideologia'. Parece-nos que estes três conceitos são os elementos chaves na formação do 'dialogismo', e essa ideia é constitutiva do *cyberspace*.

Para analisar a produção poética no *cyberspace*, foi preciso que distribuíssemos este trabalho em uma lógica que melhor explicasse ao leitor nosso pensamento. Primeiramente, precisávamos entender como o círculo compreendeu o diálogo diferentemente de outros olhares como o que o campo da filosofia havia feito (e ainda tem feito). Em seguida, foi necessário compreender o que é o *cyberspace* e sua ideologia. É desse aporte ideológico dos nós da rede que se tornou possível aproximar Bakhtin, já que o círculo publicou suas obras muito antes do surgimento da internet. Contudo, é essencialmente esse caráter visionário revelado na teoria que atinge o fazer poético desenvolvido on-line.

Uma vez estabelecida a fundamentação teórica de onde partimos é que analisamos a poesia surgida na internet. Nessa direção, percebe-se que o aspecto dialógico do fazer poético atual reflete exatamente as inquietações do contexto histórico. Na poética feminina, analisada no blog coletivo *Maria Clara universos femininos* (que acabou se transformando em livro impresso), apontamos como está presente para as autoras a subjetividade, não apenas na relação do 'criador-eu' e seu 'duplo-tu', aquele que inspira; como também o 'outro' enquanto olhar estrangeiro, aquele que espia, e faz ver o que outrora não veria. Tudo isso ocorre no contexto do *cyberspace* que dá voz a esses olhares que a poesia de autoras femininas expressa. O que fica evidente é que criar poesia não é um jogo exclusivo de combinações da língua pela língua. O fazer poético está no jogo dialógico, na ideologia vigente do *zeitgeist*. Bakhtin já previu que esta criação é em si um processo inacabado, pois está subjugada a historicidade. Eis o aspecto contemporâneo da teoria que parece estar muito presente nas tecnologias atuais.

Referências

- AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T.; SOARES, S. J.; KRAMER, S. (Org.). **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. p. 11-25.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Faraco, C. A.; Tezza, C. Austin: Texas University Press, 1993.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Contexto, 1981.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, N. V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRAIT, B. **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2005.

- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Paz e Terra, 1999.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.
- FERNANDES, H. Voz poética feminina na era blog: os casos da Maria Clara. **Línguas e Letras**, v. 12, n. 23, p. 187-212, 2011.
- GODOY, A. Poesia. In: FERNANDES, H. (Org.). **Maria Clara**: uniVersos femininos. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010. p. 12.
- LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MEDVEDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**. São Paulo: Contexto, 2012.
- PRATES, T. Poesia. In: FERNANDES, H. (Org.). **Maria Clara**: uniVersos femininos. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 201.
- RAMAL, A. Avaliar na cibercultura. **Revista Pátio**, v. 4, n. 14, p. 21-24, 2000.
- SIQUEIRA, G. Retórica e filosofia no Fedro de Platão: uma crítica à leitura de Trabattoni. **Revista de Filosofia**, v. 4, n. 2, p. 96-104, 2011.
- VILLELA, L. Poesia. In: FERNANDES, H. (Org.). **Maria Clara**: uniVersos femininos. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010. p. 87.

Received on October 16, 2013.

Accepted on May 8, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.